Disciplina FLS5287
O Corpo, a Lacuna, o Traço: Memória, Representação, Presença e Ausência dos Mortos nos Espaços Coletivos

Área de Concentração: 8134

Criação: 13/11/2018

Ativação: 13/11/2018

Nr. de Créditos: 8

Carga Horária:

Teórica (por semana)	Prática (por semana)	Estudos (por semana)	Duração	Total
4	4	2	12 semanas	120 horas

Docentes Responsáveis:

Sylvia Maria Caiuby Novaes

Carolina Junqueira dos Santos

Objetivos:

Dando continuidade aos debates e reflexões surgidos no curso "O corpo, a morte, a imagem" (DA-USP/2º semestre de 2017), propomos agora um aprofundamento das questões ligadas aos monumentos e espaços memoriais. Tomando como ponto de partida o corpo do morto, especialmente em sua dimensão simbólica e política, analisaremos a construção de narrativas, imagens e memórias no imaginário coletivo e nos espaços públicos. Os memoriais serão analisados levando em consideração especialmente as questões éticas e morais do aparecimento do morto no espaço público. A memória é tanto uma função fisiológica quanto uma construção cultural, uma narrativa possível, permanentemente cambiante. Como nos sugere Andreas Huyssen, "a permanência prometida pela pedra do monumento está sempre erguida sobre a areia movediça", o que nos leva a Robert Musil, ao dizer que "não há nada no mundo tão invisível como os monumentos". Entre (im)permanências e (in)visibilidades, a narrativa memorial se constrói no espaço, na sociedade, nas mentalidades. Porém, é preciso levar em consideração, tanto quanto a memória materializada, aquela que não está, que não aparece, que foi sufocada ou deliberadamente apagada. O corpo é aquilo que desaparece – embora seja justamente aquilo que resta no momento da morte. O corpo morto é o que precisa desaparecer da vista dos vivos, e, em seu lugar esvaziado – a lacuna –, um outro corpo surgirá, feito de nova materialidade. Seja imagem, seja pedra, inscrição ou pronúncia do nome, aquele corpo desaparecido abre espaço para que uma marca se faça no espaço – um traço. Um marco de memória, de presença, que evoca o desaparecido em sua ausência, que o traz de volta para se colocar em uma nova dimensão de corpo. A marca é traço, é índice, é a impressão, na paisagem atual, daquilo que se faz ausente e presente ao mesmo tempo. O traço presente daquilo que desapareceu é o "aqui", é a afirmação do tempo e do lugar que o morto agora ocupa, que o vivo agora vê. Falar em memoriais e práticas de memória é também conceber um determinado espaço coletivo como possuidor de uma aura, de uma ordem sagrada (separada), não é simplesmente o local em que se instaura um artefato, uma construção, pedra ou imagem. O lugar supõe questões e operações simbólicas fundamentais que ligam o morto ao vivo, o morto à história, o morto à memória; que ligam, sobretudo, o vivo a uma narrativa de passado, experimentada hoje. É preciso levar em consideração ainda que a ideia de morto vai muito além do corpo humano sem vida, o cadáver. O morto permanece um corpo político ativo, vivo, presente, quando convocado pelos vivos para participar da narrativa memorial e do imaginário coletivo. Tomando como referência monumentos e memoriais pelo mundo, além de noções como montagem,

representação, presença, ausência, narrativa, violência e identidade, o objetivo do curso é produzir reflexões urgentes sobre o estado da memória no mundo contemporâneo, especialmente no Brasil. Veremos também o quanto a arte tem sido um dos grandes lugares de produção, articulação e questionamento da memória e do apagamento. Para além da bibliografia sugerida, trabalharemos sempre a partir de imagens, tomando-as como parte essencial das nossas reflexões.

Justificativa:

Ao longo do curso anterior, "O corpo, a morte, a imagem", oferecido em 2017, e especialmente quando chegamos ao seu fim, ficou nítido o quanto o Brasil carece profundamente da ideia de memória. Depois de diversos encontros em que víamos imagens, monumentos e memoriais ao redor do mundo, depois de lermos sobre memória, morte, luto e violência, nos sentimos, por fim, impotentes, envergonhados e confrontados com nossos próprios privilégios violentos. Um curso que havia começado com uma abordagem mais afetiva da morte e do luto viu seu absoluto impasse na violência da não construção de narrativas memoriais efetivas no/do Brasil. E foi com esse impacto que terminamos o curso. Hoje tudo se torna ainda mais urgente, tamanho crescimento da violência em um país construído sobre tantos mortos não lembrados, não marcados, não chorados, apagados todos os dias. É preciso que discutamos, que possamos colocar em debate o que sentimos e pensamos, para que algo tenha alguma chance de germinar, chance de ao menos existir em nós.

Conteúdo:

a) Sobre visibilidades e invisibilidades b) O corpo do morto | Falar dos mortos, falar aos mortos c) Imagens, suportes e tempos d) As imagens, o mal, o real e) História, memória, montagem f) Corpos e monumentos | Monumentos como corpos | Corpos e lugares g) Mostrar / não-mostrar: o que é possível representar h) A representação do outro: notas sobre corpo, memória, indivíduo, identidade, narrativa, violência, fronteira, racismo i) Memória no Brasil: presenças e ausências

Forma de Avaliação:

Método: Aulas expositivas e seminários/apresentações. Critério de avaliação: Seminários, apresentações e elaboração de ensaio final. Norma de Recuperação: Tra

Observação:

A bibliografia poderá ser alterada, bem como o cronograma e os temas dos seminários, de acordo com as reflexões surgidas em sala de aula.

Bibliografia:

ALCOFF, Linda. The problem of speaking for others. Cultural Critique, n. 20, Winter, 199l-92, p.5-32.
ARENDT, Hannah. O pensamento racial antes do racismo. In: _____. Origens do totalitarismo. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. P. 188-214.
BELTING, Hans. Imagem e morte. A corporalização nas primeiras culturas. In: _____. Antropologia da imagem. Trad. Artur Mourão. Lisboa: KKYM, 2014. p. 181-238.
_____. Meio, imagem, corpo. In: _____. Antropologia da imagem. Trad. Artur Mourão. Lisboa: KKYM, 2014. p. 21-77.
BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In: _____. Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas I. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 222-232.
_____. Escavando e recordando. In: _____. Rua de mão única. Obras escolhidas II. Trad. Rubens R. T. Filho et al.. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 239-240.
BIOY CASARES, Adolfo. A invenção de Morel. Trad. Samuel Titan Jr. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
BUTLER, Judith. Quadros de guerra. Quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilizacão Brasileira, 2015.

_____. Violencia, duelo y politica. In: _____. Vida precaria. El poder del duelo y a violencia. Buenos Aires: Paidós, 2006. p. 54-78.
DE DUVE, Thierry. A arte diante do mal radical. Trad. Juliana Moreira. ARS, v.7, n.13 São Paulo, 2009.
DESPRET, Vinciane. Acabando com o luto, pensando com os mortos. Fractal: Revista de Psicologia, v. 23, n. 1, p. 73-82, Jan./Abr. 2011.
DIDI-HUBERMAN, Georges. A imagem-malícia. História da arte e quebra-cabeça do tempo. In:_____. Diante do tempo. História da arte e anacronismo das imagens. Belo Horizonte: Humanitas, 2015. p. 101-177.
_____. Cascas. Trad. André Telles. São Paulo: Ed. 34, 2017.
_____. Imagens apesar de tudo. Trad. Vanessa Brito; João Pedro Cachopo. Lisboa: KKYM, 2012.
_____. Le lieu malgré tout. Vingtième Siècle, revue d'histoire, n. 46, p. 36-44, 1995.
_____. Quando as imagens tocam o real. Trad. Patrícia Carmello e Vera Casa Nova. Pós, v.2, n.4, Belo Horizonte, 2012.
EMCKE, Carolin. Contra el odio. Trad. Belén Santana. Barcelona: Taurus, 2017.
FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
FELDMAN, Ilana. Imagens apesar de tudo: problemas e polêmicas em torno da representação, de Shoah a O filho de Saul. ARS, v.14, n.28, São Paulo, 2016.
FOUCAULT, Michel. O corpo utópico, as heterotopias. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Edições n-1, 2013.
GAGNEBIN, Jeanne Marie. Lembrar escrever esquecer. São Paulo: Ed. 34, 2006.
HUYSSEN, Andreas. Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia. Trad. Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
LATOUR, Bruno. O que é iconoclash? Ou, há um mundo além das guerras de imagem? Trad. Nicole Reis. Horizontes antropológicos, v.14, n.29, Porto Alegre, 2008.
LEVI, Primo. É isto um homem? Trad. Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
MAALOUF, Amin. As identidades assassinas. Trad. Susana Serras Pereira. Lisboa: Difel, 2002.
MBEMBE, Achille. Necropolítica. Arte & Ensaios, Revista do PPGAV/EBA/UFRJ, n. 32, dez. 2016.
MELENDI, Maria Angélica. Arquivos do mal – mal de arquivo. Revista Studium, n. 11, 2003.
_____. Tumbas de papel. Estrategias del arte (y de la memoria) en una era de catastrofes. In: LORENZANA, Sandra; BUCHENHORST, Ralph (org.). Politicas de la memoria: tensiones en la palabra y la imagen. Buenos Aires: Gorla, 2007. p. 295-305.
_____. Uma pátria obscura: o que resta da anistia. ARS, v. 14, n. 27, São Paulo, 2016.
MONDZAIN, Marie-José. Hoje, o que ver e o que mostrar frente ao terror? Reflexões acerca da criação e da difusão das imagens relacionadas ao terror, ao gozo e à morte. Devires, v. 13, n. 1, Belo Horizonte, 2016.
NANCY, Jean-Luc. La representación prohibida. Seguido de la Shoah, un soplo. Trad. Margarita Martínez. Buenos Aires: Amorrortu, 2006.
POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
RANCIÈRE, Jacques. A imagem pensativa. In: _____. O espectador emancipado. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2012. p. 103-125.
SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
SELIGMANN-SILVA, Márcio. Anistia e (in)justiça no brasil: o dever de justiça e a impunidade. Literatura e Autoritarismo – Memórias da Repressão, n. 9, UFSM, 2006.
_____. Estética e política, memória e esquecimento: novos desafios na era do Mal de Arquivo. Remate de Males, 29(2), Campinas, jul.-dez. 2009.
SONTAG, Susan. Diante da dor dos outros. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os Involuntários da Pátria. Elogio do subdesenvolvimento. Caderno de Leituras, n.65, Ed. Chão da Feira, 2017.
YOUNG, James E. Memory and counter-memory: the end of the monument in Germany. Harvard Design Magazine, n. 9, 1999.

Filmografia:

BERNSTEIN, Sidney; HITCHCOCK, Alfred. Memory of the camps. 2014.
CASTRO, Flávia. Diário de uma busca. 2010.
COUTINHO, Eduardo. Cabra marcado para morrer. 1984.

FOLMAN, Ari. Waltz with Bashir. 2008.
GODARD, Jean-Luc. Histoire(s) du cinema. 1988.
GUZMÁN, Patricio. El botón de nácar. 2015.
_____. Nostalgia de la luz. 2010.
IANNI, Clara; SILVA, Debora Maria da. Apelo. 2014.
LANZMANN, Claude. Shoah. 1985.
LEANDRO, Anita. Retratos de identificação. 2015.
RESNAIS, Alain. Hiroshima Mon Amour. 1959.
_____. Nuit et brouillard. 1956.
_____. Toute la mémoire du monde. 1956.
_____; MARKER, Chris. Les statues meurent aussi. 1953.

Idiomas ministrados:

Português